

## **Habitar em Shenzhen um percurso no escritório A+E Design**

**Ana Filipa Gomes<sup>1</sup>, Helder Casal Ribeiro<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

<sup>2</sup>Assistant Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

O estágio proporcionado pela parceria estabelecida entre a Faculdade de Arquitetura do Porto e o escritório Chinês A+E Design, na cidade de Shenzhen, proporcionou um contacto privilegiado com uma nova cultura arquitetónica assente num quotidiano profissional. Esta passagem pelo escritório, possibilitou o confronto de novas realidades, até agora desconhecidas, no desenvolvimento e aprofundamento do projeto. O escritório destaca-se pelos seus trabalhos, na área da habitação, de grande dimensão e com um discurso tecnológico que procura compreender o modo de habitar contemporâneo dentro da realidade do sudoeste da China, em permanente mutação.

Shenzhen caracteriza-se pelo espírito de inovação que invade as ruas e avenidas da cidade, na procura de uma resposta rápida e eficaz afim de alcançar e responder ao seu crescimento e desenvolvimento. As suas ruas surgem como elementos principais identificativos da sua densidade, vivendo-se num alvoroço permanente entre comércio, transportes e habitantes. Com a presença do comércio destaca-se a vibração das luzes, músicas e anúncios; e com os transportes sente-se a velocidade, a densidade da carga, a dinâmica de tráfego entre peões e transportes. A condição do ritmo da cidade apresenta uma população curiosa, onde a rapidez e observação do novo são constantes do dia a dia; entre o comércio, transportes e habitantes compõe-se um conjunto de elementos que se cruzam múltiplas e múltiplas vezes, em imensas e intensas ruas. Vive-se uma atmosfera de procura pelo êxito numa exploração do novo, do diferente e do extravagante.

“Mistura, amontoamento, repetição e distância são adjetivos que caracterizam a primeira imagem de uma cidade chinesa.”<sup>1</sup>

Compreendeu-se que na China a rapidez apresenta-se como uma circunstância da economia espelhando a afirmação de uma sociedade consumista. A rapidez transformou-se na palavra de ordem em resposta à densidade de procura e consumo da sociedade, tornando-se o objetivo principal para alcançar o sucesso.

A sociedade vive num ritmo de consumo acelerado tornando-se inevitável a transposição deste princípio em diferentes atividades, como na arquitetura. Consequentemente, no desenvolvimento dos

---

<sup>1</sup> Memória descritiva de autora, viagem a 11 de novembro de 2017 à cidade de Guangzhou, capital da província de Guangdong.

projetos no escritório verificou-se a necessidade de desagregar o conjunto e trabalhar individualmente com as partes, diminuindo as conexões e o tempo dispensado na sua composição, aumentando-se assim a produção e cumprindo-se os objetivos pressupostos.

O cliente apresenta-se como dinamizador deste ritmo acelerado sendo o elemento principal no processo de desenvolvimento do projeto para o escritório. Os arquitetos sabendo que o projeto solicitado proporcionará lucro e investimento procuram de imediato a satisfação do cliente. Assim no A+E Design o arquiteto desenha o edifício numa composição que assenta fundamentalmente no programa e na sua imagem de acordo com os ideais do cliente. O escritório encara a disciplina da arquitetura como um meio para o desenvolvimento económico. Identifica como a sua essência, não o desenho que compõe o belo e o funcional, *venustas e utilitas*<sup>2</sup>, mas apenas um segmento do belo, a procura e afirmação da imagem. *Utilitas* conduz o desenho do projeto e a imagem conquista o cliente.

Em termos metodológicos, após uma exploração inicial do edifício, procura-se apresentar a proposta através de representações tridimensionais, com a imagem a funcionar como o principal impulsor do edifício que se pretende ‘vender’.

Verificou-se que a utilização deste processo de trabalho proporciona a criação de projetos onde a qualidade espacial pode surgir em segundo plano, pois a necessidade de cativar o cliente concentra-se primeiro na representação tridimensional do edifício e no respeito minucioso das áreas solicitadas. Assim o desenvolvimento do projeto poder-se-á resumir a três pilares: imagem, função e cliente.

O método de trabalho adotado incidiu fundamentalmente sobre a modelação do fogo e as suas associações numa matriz abstrata. O fogo e as suas associações foram determinados como algoritmos<sup>3</sup>, respeitando as mesmas premissas mas com possibilidade de se diferenciarem. Assim o objeto arquitetónico cresce na base e premissa da repetição contendo também a possibilidade de variação.

O projeto surge como a procura de uma essência universal, um algoritmo capaz de se proliferar e responder a várias situações, clientes, locais e necessidades sociais. Estes projetos pela sua facilidade de manipulação permitem encontrar opções de desenho diversificadas na base do projeto, respondendo assim a circunstâncias particulares do espaço como na implantação do edifício. Quando determinada uma área de implantação para o edifício, a sua matriz variável permite adequar o piso térreo, assim como a associação de fogos, a sua volumetria e conseqüentemente o redesenho dos seus alçados. Ressalva-se que os algoritmos criados tornam-se mais interessantes com este trabalho posterior de implantação, respondendo aos problemas específicos do local e potencializando as variáveis existentes no algoritmo. O projeto resume-se a uma sistematização funcional do fogo e sua associação num algoritmo que explora diferentes variáveis.

---

<sup>2</sup> Triade Vitruviana, apresentada por Vitruvius como os três elementos fundamentais da arquitetura. *Firmitas* que se refere à estabilidade e caráter construtivo do edifício. *Utilitas* que se refere à função a que deve responder e *Venustas* associada à beleza.

<sup>3</sup> Algoritmo - Conjunto de regras e operações bem definidas e não ambíguas, que, aplicadas a um conjunto de dados e num número finito de etapas, conduzem à solução de um problema. “algoritmo”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/algoritmo> [consultado em 18-09-2018]. Neste sentido, algoritmo é interpretado neste trabalho como um processo que permite a exploração/variação de um projeto segundo determinadas regras e directrizes criadas numa formulação inicial. O algoritmo pressupõe a resolução do problema arquitetónico existente.

A necessidade de responder ao ritmo de crescimento exacerbado da cidade colocam muitas vezes o arquiteto nesta posição, de produtor sem matéria-prima e de criador sem total consciência das circunstâncias envolventes. Encara-se a arquitetura como um processo industrial que fabrica por vezes sem ter cliente nem lugar, sendo preciso a criação de algoritmos capazes de se adaptarem.

Num mundo que cada vez mais procura uma única solução capaz de responder a vários problemas, deveremos ser conscientes do que Alexander e Hannes Henz expõem “neither can the need for housing at any point in time be predicted correctly, nor the precise amount of units required, their precise location, size and required or wanted finishing.”<sup>4</sup> Numa procura por soluções eficazes e transversais a diferentes realidades/circunstâncias, a cidade de Shenzhen terá sentido a necessidade de lançar um concurso para o estudo de fogos de habitação social. A habitação necessita assim de ser encarada como um algoritmo, apresentando-se com um desenho base mas capaz de se modificar dependendo dos requisitos a que tem de responder. Pois dentro da necessidade de encontrar uma essência universal e do conhecimento da impossibilidade de prevê-la sem falhas, o algoritmo apresenta-se como a melhor estratégia face às realidades e necessidades vividas atualmente.

A densidade de desenvolvimento na cidade e no país conduz à necessidade de resposta com rápida afluência que, conseqüentemente, origina projetos numa via mais comercial, industrial e padronizada. Assim cresce a cidade e é caracterizado o escritório, numa velocidade incontrolável, sem tempo para explorar a sua Arte, valorizando a composição numa leitura direta do valor da imagem e da condição do funcional.

Numa cidade, onde a diversidade cultural domina o dia-a-dia, a arquitetura vive o cruzar da multiplicidade de culturas, métodos e tradições tornando-se o aglomerado inevitável. Uma sociedade em permanente transformação que se afasta da sua tradição<sup>5</sup> e permanece “aberta” ao “novo”, ao diferente. “Assemelha-se a uma esponja que qualquer coisa absorve (...)” caminhando na conquista de “pertencer a uma cidade onde tudo é possível.”<sup>6</sup> Vive-se numa folha branca que permite qualquer desenho, desde que este seja característico do ‘agora’ e inovador tendo espaço para se formar e afirmar na cidade. Tudo é possível quando as necessidades designadas básicas são respondidas, forma e função. Estas são respostas diretas ao pedido do cliente que providenciarão o lucro. Assim, o enlace dos outros elementos constituintes do projeto apenas seguem os esqueletos da forma e função, progredindo na procura e conquista do *tudo é possível* na cidade de Shenzhen.

Olhemos sem premissas ativas, observemos assentes num espaço neutro, passemos a considerar a forma como produzida através da reflexão e análise em tábua rasa da estrutura coletiva que observamos.<sup>7</sup> Mas nunca esquecendo o conhecido, apreendido e familiar, para que no após observação

---

<sup>4</sup> HENZ, Alexander and HENZ, Hannes (1997) *Anpassbare Wohnungen* (Zürich: ETH Wohnforum). pp 4.

<sup>5</sup> Sendo a abertura do países um marco importante no desenvolvimento económico e na ‘alteração’ da identidade da sociedade chinesa foi com as palavras de Deng Xiaoping que a sociedade começou a quebrar as suas ligações com a tradição.

<sup>6</sup> WANG, Chui-Yuan (2013) *Between Flexibility and Reliability, Changing Planning Culture in China*. pp 417.

<sup>7</sup> SILVANO, Filomena (2001) *Antropologia do espaço, Uma Introdução*. 2ª Edição, Oeiras. pp 50.

seja possível materializar uma reflexão coesa e composta. Porque “indivíduos pertencentes a culturas diferentes não só falam línguas diferentes, mas, o que por certo é mais importante ainda, habitam mundos sensoriais diferentes.”<sup>8</sup>

Este confronto de culturas demonstrou que todos procuramos de uma forma ou de outra responder a problemas similares, o que altera é a forma da resposta que necessita de se adaptar/moldar às circunstâncias da sociedade. Assim também a arquitetura se adapta e transforma, respondendo aos problemas do habitar inseridos nas particularidades do dia a dia/do ritmo/da cultura em que se insere, porque “space does not reflect society, it expresses it.”<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> HALL, Edward T. (1986) *A Dimensão Oculta*. Lisboa. pp 13.

<sup>9</sup> CASTELL, Manuel (2005) Space of flows, space of places: materials for a theory of urbanization in the information age. In Sanyal, Bishwapriya (ed.) *Comparative Planning Cultures*. London: Routledge. pp 380 e 381;